

A SECA COMO POÉTICA: UMA TROVA LUSO-BRASILEIRA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos¹

 <https://orcid.org/0000-0001-9163-1446>

RESUMO

O presente artigo aborda a relação entre história e poesia, destacando como essas disciplinas se entrelaçaram ao longo do tempo, especialmente na obra do poeta português Abílio Manuel Guerra Junqueiro. Ele nasceu em 1850, em Portugal, e foi um importante representante da poesia social revolucionária do século XIX. Sua obra “Fome no Ceará” (1877) é analisada como um exemplo de criação poética que retrata a seca no Norte do Brasil (atual região nordeste), mobilizando recursos retóricos e imagéticos para sensibilizar os leitores sobre o caos e a miséria causados pela seca.

Palavras-Chave: História. Poesia. Guerra Junqueiro. Século XIX. Seca do Ceará.

DROUGHT AS POETRY: A LUSO-BRAZILIAN TROVA IN THE SECOND HALF OF THE 19TH CENTURY

ABSTRACT

This article addresses the relationship between history and poetry, highlighting how these disciplines have intertwined over time, especially in the work of the Portuguese poet Abílio Manuel Guerra Junqueiro. He was born in 1850, in Portugal, and was an important representative of the revolutionary social poetry of the 19th century. His work "Fome no Ceará" (1877) is analyzed as an example of poetic creation that portrays the drought in the North of Brazil (current northeast region), mobilizing rhetorical and imagery resources to sensitize readers about the chaos and misery caused by the drought.

Keywords: History. Poetry. Guerra Junqueiro. 19th Century. Ceará Drought.

LA SEQUÍA COMO POESÍA: UNA TROVA LUSOBRASILEÑA EN LA SEGUNDA MITAD DEL SIGLO XIX

RESUMEN

Este artículo aborda la relación entre historia y poesía, destacando cómo estas disciplinas se han entrelazado a lo largo del tiempo, especialmente en la obra del poeta portugués Abílio Manuel Guerra Junqueiro. Nació en 1850, en Portugal, y fue un importante representante de la poesía social revolucionaria del siglo XIX. Su obra "Hambre en Ceará" (1877) se analiza como un ejemplo de creación poética que retrata la sequía en el Norte de Brasil (actual región nordeste), movilizando recursos retóricos e imaginarios para sensibilizar a los lectores sobre el caos y la miseria provocados por la sequía.

Palabras clave: Historia. Poesía. Guerra de Junqueiro. Siglo XIX. Sequía de Ceará.

¹ Doutor em História Pela Universidade Federal do Rio grande do Sul (UFRGS). Professor de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: eduvasconcleos09@gmail.com

POÉTICA E PASSADO

Sealing light
Nothing to see
Like a miracle life
Starts with the pain
Forever this will be

(Angra – Heroes of Sand)

Em uma obra referencial sobre a historiografia produzida no ocidente, Arnaldo Dante Momigliano ressaltou o impacto da historiografia persa para a historiografia grega e judaica. Infelizmente, segundo o autor, temos poucas informações sobre a historiografia persa, suas “fontes”, seus registros e a eventual reescrita da sua história. Os poucos elementos que sabemos, chegam até nós mediados, principalmente, pelos registros dos escritores gregos que, aos poucos, passaram a incorporar e divulgar diversas tradições e, dessa maneira, posteriormente, foram identificados como iniciadores ou criadores de uma forma específica de ver, entender e agir no mundo, não apenas levando em consideração o seu presente específico, mas a pensar e entender o efeito das ações feitas no passado em seu respectivo presente (Momigliano, 2004, p. 21).

Heródoto de Helicarnasso é, dentro da tradição grega, aquele que melhor sistematizou a preocupação com as ações feitas no passado por gregos e outros povos. De acordo com Momigliano, “Quando Heródoto assumiu como seu dever primordial o registro de tradições, ele estava de fato fazendo algo a mais do que simplesmente salvando fatos do esquecimento”, e conclui que: “Ele estava dirigindo a investigação histórica no sentido da exploração do desconhecido e do já esquecido” (Momigliano, 2004, p. 63). Para os desenvolvimentos de suas investigações, do “desconhecido ou pelo já desconhecido”, Heródoto lastreou-se em relatos orais, documentos, mapas, viagens, observações diretas e em poesias. Aqui, faz-se necessário salientarmos que a poesia tinha uma função primordial e estruturante do conhecimento para os gregos na antiguidade (Souza, 2002).

Mas se Heródoto é identificado e detém o reconhecimento por se preocupar com as ações dos homens feitas no passado, usando largamente a poesia, coube a outro pensador, Aristóteles, a especificação da relação entre Poesia e História, na Grécia antiga, ao sustentar que:

:

Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo o **provável** (to eikos) ou o **necessário** (to Anankeon). Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro, as que poderiam suceder. Por isso, a poesia é algo mais filosófico e **sério** (spondaioteron) do que a história, pois se refere aquela principalmente ao **universal** (katholou) e esta ao particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza

pensamentos e ações que por liame de necessidade e probabilidade, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa à poesia, ainda que nome aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou que lhe aconteceu (Julião, 2018, p.46. Grifos do autor).

Ao comentar as ideias apresentadas por Aristóteles, na passagem acima, José Nicolao Julião afirma que, “Os intérpretes dessa passagem que se deixam levar pelo antagonismo entre história e poesia” e continua o autor, “muitas das vezes não conseguem apreciar o princípio expositivo que rege a Poética ao longo dos capítulos, de 6 a 12, que começa com uma definição de tragédia e, em seguida, elucida os termos dessa definição por meio de uma série de justaposições”. Ainda segundo Julião, o que existe é: “A justaposição entre poesia e história é uma dessas instâncias que procura elucidar que tipo de trama exemplifica uma unidade causal tal como os eventos de uma peça se desenrolam com probabilidade ou necessidade”. E, finalmente, conclui Julião ((Julião, 2018, p. 49): “Portanto, as observações de Aristóteles em Poética 9 sobre a natureza filosófica da poesia explicam, em contraste com a história, como um enredo dramático deveria ser organizado, especificamente que o seu universal poético deveria estar de acordo com o que é provável ou necessário”

Séculos depois, já em pleno século XVI, segundo Carlo Ginsburg, Francesco Robortello, da cidade de Udine, criticou a subordinação da História frente à Poesia. De acordo com Robortello: “A história é superior à poesia, e talvez, ao propor exemplos do que é correto e incorreto, superior a filosofia” (Ginsburg, 2007, p. 26). Mas foi no transcorrer do século XVIII, De acordo com Tenorio-Trillo (2019), que a relação entre História e Poesia ganhou contornos mais nítidos, pois “Por meio de sua capacidade de intuir as possibilidades do real, a história foi atrelada à poesia”. E, na sequência, o autor segue informando as características dessa aproximação em que “A história se tornou, então, a “professora da vida” e a poesia a portadora das essências do heroísmo, da gentileza, do amor; isto é, a provedora não de partes, não de especificidades, mas de totalidades, de verdades humanamente grandes” (Tenorio-Trillo, 2019, p. 16).

Tal diferenciação também é percebida quando observamos o verbete “Geschichte, Historie” publicado no *Geschichtliche Grundbegriffe: Historisches Lexikon zur politisch-sozialen Sprache in Deutschland* traduzido por René Geertz e publicado no Brasil. Nessa obra identificamos a passagem abaixo discorrendo sobre a História no século XVIII, isto é, *Historie*²:

(...) a distinção aristotélica entre (simples) verdade histórica e veracidade poética (filosófica) se tornou inaplicável, fazendo com que a longa disputa entre Poesia e *Historie* perdesse sua base conceitual. Mas a disputa sempre reaparece quando a poesia se apossa da representação do real, intrometendo-se no campo da *Historie* ou, então, quando a *Historie* do alto de sua

² No alemão do final do século XVI “Historien são um testemunho dos tempos, / uma luz da verdade, / a vida da memória, / uma indicação da antiga forma de ser, / e mestra e educadora da vida humana”. E, nesse caso, o plural “Historien” indica uma leitura correta do texto, e, ao mesmo tempo, a concepção dominante de História no início da Era Moderna, isto é, que são os relatos de acontecimentos individuais que trazem esse benefício (Koselleck *et al.*, 2013, p.110).

configuração, faz parecerem irrelevantes os produtos poéticos e, através da interpretação do acontecido, tenta chegar até o geral (Koselleck *et al.*, 2013, p. 90).

Todavia, como consta na sequência do verbete, “Esse é um problema apenas aparente, mas que não pode ser solucionado por causa da intercambialidade dos conceitos”, e continuando a argumentação explicativa, os autores argumentam que é, “(...) apropriado para desencadear a discussão, dependendo se a Poesia ou a *Historie* conseguem expressar os mesmos interesses fundamentais, ou então apenas tentam fazê-lo, quando as obras das duas categorias devem responder pelas pretensões da teoria” (Koselleck, *et. al.*, 2013, p. 90).

Foi ao longo desse “espaço de experiência”, feito e refeito no decurso de séculos, que a História e a Poesia, as vezes convergindo outras vezes divergindo, chegaram à segunda metade do século XIX.

O ENCONTRO

Abílio Manuel Guerra Junqueiro (1850 - 1923), nasceu em uma “pacata vila de Trás-os-Montes, Freixo de Espada à Cinta, sobranceira ao rio Douro, com Espanha a acenar-lhe, em frente” (Sousa; Santos, 2023, p. 77). Nascido e crescido no seio de uma família religiosa “Diga-se, de passagem, que seus pais o educaram religiosamente, o que, muito naturalmente e até sem se dar conta, porventura, havia de condicionar e até determinar uma boa parte da sua obra poética” (Sousa; Santos, 2023, p. 77).

Começou a escrever em prosa e verso ainda muito jovem e logo se destacou. Dessa forma:

Suas principais obras são: *A Morte de D. João* (1874); *A Musa em Férias* (1879); *A Velhice do Padre Eterno* (1885); *Os Simples* (1892), considerada a sua obra-prima; *Poesias dispersas* (1920); *Horas de luta* (1924). Guerra Junqueiro foi um fiel e talentoso representante da Poesia Social Revolucionária do seu tempo e de toda a ideologia do século. Sua obra lírica e satírica tem versos de uma pureza e de um lirismo extraordinários. Guerra Junqueiro combateu a monarquia (em *Pátria*) e a Igreja Católica (em *A Velhice do Padre Eterno*). É realista por escrever versos de protesto contra as grandes mentiras, contra a hipocrisia, contra as misérias humanas (Souza; Santos, 2023, p. 77).

Regredindo um pouco mais na história de vida do futuro escritor e poeta português, fica claro que desde a sua juventude; ele experimentou as duas principais tradições retóricas existentes: a formação religiosa e a formação jurídica. Dessa maneira, “Aos 16 anos, matriculou-se na faculdade de Teologia, na Universidade de Coimbra. Pensaria, então, Abílio Guerra Junqueiro em ser um padre da Igreja Católica. Desistindo deste curso, matriculou-se, uns dois anos depois, em Direito, vindo a concluir o curso em 1873” (Souza; Santos, 2023, p. 77). De acordo com as mesmas autoras, ele foi “eleito, em 1898, sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras. Colaborou em vários jornais, como *A Folha* e *A Lanterna Mágica*” (Souza; Santos, 2023, p.76). E dando sequência às

informações Gabriella Souza e Dayse Santos, “Com a Proclamação da República [em Portugal], em 1910, foi nomeado Ministro de Portugal em Berna” (Souza; Santos, 2023, p. 76).

Quatro anos após a conclusão do curso universitário, já formando em Direito, Guerra Junqueiro, ainda em 1877, logo no início dos “tenebrosos acontecimentos” advindos da seca noticiada nos jornais do velho mundo, escreveu e publicou o poema intitulado *Fome no Ceará* (Junqueiro, 1877).³

I

[A]

Lança o olhar em torno;
Arde a terra abrasada
Debaixo da candente abóboda dum forno.
Já não chora sobre ela orvalho a madrugada;
Secam-se de todo as lágrimas das fontes;
E na fulva aridez aspérrima dos montes,
Entre as cintilações narcóticas da luz,
As árvores antigas
Levantam para o ar – atléticas mendigas,
Fantasmas espectrais, os grandes braços nus

*

**

[B]

Na deserta amplidão dos campos luminosos
Moagem sinistramente os grandes bois sequiosos.
As aves caem já, sem se suster nas asas.
E, exaurindo lhe a força enorme que ela encerra
O Sol aplica à Terra
Um caustico de brasas.

O incêndio destruidor a galopar com fúria,
Como um Átila, arrasta a túnica purpúrea
Nos bosques seculares;
E Lacoontes senis, os troncos viridentes
Torcem-se, crepitando entre as rubras serpentes
Com as caudas de fogo em convulsões nos ares.

*

**

[C]

O Sol bebeu de um trago as límpidas correntes
E os seus leitos sem água e sem ervagem frescas,
Co’as bordas Solitárias,
Têm o aspecto cruel de valas gigantescas
Onde podem caber muitos milhões de párias
E entre todo este terror existe um povo exangue,
Filho do nosso sangue
Um povo nosso irmão,
Que nas ânsias da fome, em contorções hediondas,
Nos estende através das súplicas das ondas
Com o último grito a descarnada mão.

*

**

[D]

³. Aníbal Bragança em artigo sobre a história da livraria Francisco Alves nos informa que em 1888, o editor David Corazzi vendeu a sua editora que tinha o nome de fantasia “Empresa Horas Romantica”. Justino Guedes comprou a editora de Corazzi e após a junção com outras oficinas tipográficas foi criada a sociedade Companhia Nacional Editora. Em 1908, Francisco Alves adquiriu o controle da sociedade mudando seu nome para A Editora. Ver: Bragança (2015).

E por sobre esta imensa, atroz calamidade,
Sobre a fome, o extermínio, a viuvez, a orfandade,
Sobre os filhos sem mãe e os berços sem amor.
Pairam sinistramente em bandos agoireiros
Os abutres, que são as covas e os coveiros
Dos que nem terra têm para dormir, senhor!
E sabei – monstruoso – horrível pesadelo! –
Sabei que aí – meu Deus, confranja-me ao dizê-lo –
Vêem-se os mortos nus lambidos pelos cães,
E os abutres cruéis com as garras de lanças,
Rasgando, devorando os corpos das creanças
Nas estranhas das mães!

II

[E]

Quando ainda há pouco o vendaval batia
Dos grandes montes nos robustos flancos;
E as nuvens, como enormes ursos brancos,
Em tropel pela abóbada sombria
Dos canhões dos titãs, aos solavancos,
Arrastavam a rouca artilharia;
Quando os rios, indômitos, escuros,
Iam como ladrões saltando os muros,
Para roubar ao camponês o pão;
E, cruzando-se, os raios flamejantes
Abriam como esplêndidas montanhas
De meio a meio a funda escuridão;

*

**

[F]

Quando os ventos asperrimos, frenéticos
Como cyclopes doidos, epiléticos,
Com raivas convulsivas
Perseguiam, bramindo, às chicotadas,
Das retumbantes ondas explosivas
As trôpegas manadas;
Quando entre os gritos roucos da procella,
A fome – a loba – escancarava a goela
Uivando às nossas portas;
E andavam sobre as águas desumanas
Com os despojos tristes das choupanas
Berços vazios de creanças mortas;

*

**

[G]

Oh! n'esse instante, ao ver o povo exânime,
Pulsou da pátria o coração unânime,
Um coração de mãe piedosa e boa...
E das imensas lágrimas choradas
Muitíssimas então foram guardadas
Entre as joias da crôa.
Mas é certo também que além dos mares
Alguém ouviu, alguém, cortando os ares
Essa terrível dor;
E esse alguém é que hoje, é quem agora
Morto de fome a soluçar implora
Mais do que o nosso auxílio – o nosso amor.

*

**

[H]

Vamos! Abri os corações, abri-os!
Transborde a caridade como os rios
Transbordaram dos leitos em Janeiro!

Nem pode haver decerto mão avara,
Que a esmola negue e quem ilh'a deu primeiro
A miséria é um horrível sorvedouro;
Vamos enchei-o com punhado d'oiro,
Mostrando assim aos olhos das nações
Que é impossível já hoje (isto consola)
Morrer de fome alguém, pedindo esmola
Na mesma língua em que pediu Camões

Antes de passarmos a abordar especificamente a elaboração ou construção poética, acima apresentada, do português, deixamos claro que essa ação será feita sob “(...) a ótica de sua(s) historicidade(s), isto é, segundo as relações sobre suas possibilidades significantes e a compreensão de seus significados, o que implica considerar, mediante os contextos de leitura (o nosso inclusive) e de produção (integrando às dimensões textuais)” (Talarico, 2011). Outrossim, salientarmos, também, a pertinência das observações feitas por Leandro Konder (1996) sobre a relação entre História e Poesia, ao informar que: “A linguagem da poesia, por sua própria natureza, também exige uma “leitura” especial: pede um leitor disposto a respeitar e apreciar a força das suas imagens, dos seus recursos ritmos, da sua sonoridade, das suas metáforas”. E, em seguida, konder conclui o seu argumento: “Os caminhos da sensibilidade não são refratários à abordagem científica e aos critérios da razão, mas também não se deixam “reduzir” a interpretações “racionais” (e jamais se deixa “enquadrar” em parâmetros fixados pela ciência)” (Konder, 1996, p.13).

Com o intuito de facilitar a análise da obra poética em questão, dividimos as estrofes em oito (de A até H, indicadas acima de cada estrofe, não sendo essa marcação original, inserimos essa diferenciação artificial em colchetes).

Na estrofe [A], todo o conteúdo faz referência à natureza, que se torna o sujeito das orações, também apresentada como “terra”, “fonte”, “árvores”. A esse sujeito, são conectados adjetivos como “abrasada”, “candente”, “abóboda de um forno”. O poema mobiliza verbos como “arder”, “chorar”, “secar” ou outras expressões com conotação similar: “Levantar os braços nus”, no sentido de clamar ou pedir socorro. A natureza é retratada como anacrônica: “antiga”, composta por “árvores antigas”. Toda essa construção faz uso retórico da écfrase (a literatura como pintura), que consiste em fabricar o efeito de visualidade nos leitores, daí a aparência antropomórfica das árvores de “braços nus”, como “atléticas mendigas”. No poema, é comum o uso de procedimentos antitéticos que operam com a constante aproximação entre “bem e mal”, “luz e escuridão”, “seco e molhado”, imagens recorrentes em obras próximas ao universo religioso cristão, como exemplarmente utilizadas em *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri,⁴ as árvores com características antropomórficas (“fantasmas espectrais”) são outro caso presente na literatura dessa tradição retórico-poética.

⁴ Sobre essa tradição retórico-poética, ver: Soares (2018). Especialmente o terceiro capítulo.

Na estrofe seguinte [B], mais uma vez não há pessoas. O sujeito ou é a natureza ou figuras históricas ou clássicas (“Sol”, “Átila”, “Laocoontes”), que constituem comumente latinismos ou helenismos e lugares-comuns históricos (usados para efeito de erudição), integrantes de uma das faces do romântico português (mas não só) do século XIX. Nessa estrofe notamos ainda um farto uso de adjetivos que buscam intensificar o efeito de *secura* atribuída à região atingida pela irregularidade de chuva: “desertas”, “sequiosas”, “caustico”, entre outros. Observamos também o uso intenso de advérbios de modo (“sinistramente”) para reforçar a forma como as coisas ocorrem na região, e ajudam a moldar a atmosfera pesada que se busca construir textualmente. Já os verbos utilizados (cair, sustar, exaurir, encerrar, aplicar) indicam que toda ação da natureza ali é destruidora, haja vista tratar-se de uma natureza caduca (“secular” e “senil”). E o uso repetido de metáforas que jogam com imagens contrárias: “pássaros que caem”, “corpos luminosos” *versus* “bois sequiosos”, e um sol que em vez de alimentar castiga a terra, serve para indicar que há uma inversão da natureza ou da realidade das coisas. Com isso, fixa-se o paradoxo como um dos elementos principais do local idealizado: em que os bois embora grandes são sequiosos; as aves voam, mas, diante da realidade, caem; a desmedida do sol que é cáustico de brasas. No poema, a fúria da natureza é tanta que chega a ser comparada à figura de Átila (rei dos humos, registrado pela historiografia cristã como “a praga de Deus ou o flagelo de Deus”), que tem a cor púrpura de sua túnica associada ao rubro das serpentes, de modo a enfatizar mais uma vez a ideia de mal (que pela simbologia cristã pode ser referida tanto às serpentes como à cor vermelha).

Na estrofe [C], o sujeito assume mais uma vez a feição da natureza (“sol”, “rios”, “oceano”) e os qualitativos atribuídos a ele reforçam a disformia, a crueldade, o paradoxo. Parte dos adjetivos também remetem às imagens consagradas na obra já mencionada de Dante, onde se veem “valas gigantes” nas quais podem caber milhares de párias e o sofrimento geral das pessoas. Nessa estrofe começam a ser introduzidos elementos que visam efeitos de engajamento, ao deslocar a súplica para aqueles leitores em potencial que podem, por meios materiais, ajudar a minorar o sofrimento dos que são afligidos pela cruel realidade. A relação Portugal e Brasil é insinuada, dado que o último é herdeiro do primeiro. As palavras “povo” e “fome” aparecem pela primeira vez, indicando que os sujeitos agora ganham contornos humanos e se transformam em “nosso irmão” e “filho do nosso sangue”, que suplicam por ajuda através das ondas (ondas essas que remetem ao oceano Atlântico, que liga historicamente Brasil a Portugal).

Ao lermos a estrofes seguintes, ficam claras as repetições de imagens conotativas do ambiente de horror no qual viviam as pessoas agora identificadas como irmãos que sofrem. São acrescidas ao texto mazelas que não se podem tolerar: fome, extermínio, viuvez e orfandade. Ao passo que são utilizados vocativos e interjeições, a fim de mobilizar os leitores na tarefa de amparar, pela caridade, os irmãos que necessitam. O poeta se refere à célebre promessa retórica de imperador Pedro

II, ao dizer que empenharia até as joias da Coroa para dirimir a situação de penúria do Norte brasileiro. E finaliza, ao mesmo tempo referindo-se à tradição poética portuguesa (na qual ele busca se inserir) e apelando ao orgulho nacional que não deveria tolerar alguém morrer de fome na mesma língua de Camões.

A partir da leitura do poema *Fome no Ceará*, é possível corroborarmos alguns traços característicos do seu autor, pois segundo a apreciação de Cátia Wankler (2017, p.109), “(...) a poesia de Junqueiro tem uma acidez bem peculiar, seu tom é mais agressivo, alguns textos trazem uma carga de ódio e revolta que nem mesmo a forma poética, com sua musicalidade, conseguem dissimular (...)”. Para Wankler, essas características tão marcantes na elaboração poética do poeta português advinham de seu conhecimento das “(...) misérias sociais e as condições degradantes da vida e da sociedade a partir da [sua] observação (...)” (Wankler, 2027, p.109). E foi lastreado nessas experiências que Junqueiro desenvolveu uma das suas principais qualidades: “(...) uma capacidade quase primitiva de exprimir as ideias em símbolos vivos e, ainda, a riqueza verbal e de imagens com que contribuiu para a renovação do verso português” (Souza; Santos, 2023, p. 77).

Ao mesclar religião, direito e poesia, o poeta em sua criação, operou principalmente pelo recurso da *Ekphrasis* (Gomes, 2015; Sinkevisque, 2013; Pinney, 2025),⁵ em que o autor buscou compartilhar, pela palavra escrita, as imagens quase palpáveis da miséria cearense originada pela seca, permitindo aos leitores praticamente vivenciar os efeitos nefastos da natureza. Vale ressaltar que o objetivo de passar ao leitor o que estava acontecendo por meio da leitura ocorreu, também, nas palavras de Kostas Vlassopoulos, pela aproximação da elaboração poética ao “status canônico dos textos clássicos. No nível da forma, esses textos forneceram os modelos de gênero em poesia, drama, prosa, filosofia, história e, até o século XVII, até mesmo nas ciências”. E, concluindo o seu argumento, o mesmo autor complementa, “No nível do conteúdo, eles forneceram mitos, histórias e exemplos para perseguir discursos e discussões sobre o homem e a natureza e criar obras novas, tanto ficcionais quanto não ficcionais” (Vlassopoulos, 2011, p.159).

Dessa maneira, somos conscientes de que a sua produção não era “o espelho da realidade”, mas uma criação retórico-poética que buscava construir efeitos e criar sensibilidades, fazendo com que os leitores visualizassem metaforicamente (ao ler seu poema) as desventuras que a seca causava. Para que, quem sabe, pudesse engajar portugueses e brasileiros em ações para mitigar o sofrimento dos irmãos do Ceará.

Passamos mais de um século e meio da chamada grande seca, mas a ideia de uma região pobre, sinônimo de problemas sociais não foi desfeita e ainda ganha muita força. Haja vista, a

⁵ Palavra grega que originalmente foi definida como “a ação de ir até o fim”. Posteriormente, no ‘século III d.C, passou a ter o sentido genérico de “descrição”. Para um entendimento mais amplo dos usos da Ekphrasis com foco na tradição anglo-saxônica do século XIX, ver: Pinney (2025).

compreensão da seca como um problema exclusivo e contínuo do Norte do Brasil (no século XIX) e, posteriormente, do Nordeste brasileiro (no século XX até os dias atuais) que suscita a ideia de um espaço de caos, destruição, submissão dos homens à natureza (Neves, 2000; Villa, 2000). Em um ambiente “natural” e social como esse, logicamente, não há condições para o planejamento, estabilidade e desenvolvimento, tão necessário para o viver bem e o bem-viver de qualquer pessoa?

Todavia, ao olharmos para o balanço da produção econômica nacional, feito para o ano de 2024, somos surpreendidos com a informação apresentada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV): “nordeste cresce acima da média nacional e se destaca no cenário nacional”,⁶ demonstrando haver no Nordeste uma economia em crescimento e com ganhos acima da média nacional. Como é possível esse crescimento e desenvolvimento em uma área do território nacional historicamente vista e entendida como sinônimo de ausência e destruição?

O que inicialmente se apresenta como uma discrepância ou incongruência, envolve, dentre outros aspectos, a forma e a ênfase que historiadores explicaram e ainda explicam o processo diacrônico do Norte (no século XIX), atual Nordeste (desde os anos 30 do século XX) como o local exclusivo da seca, cabendo aos historiadores e pesquisadores apenas decifrar e entender “o discurso oculto dos retirantes da seca” (Neves, 2014). O grande paradoxo neste tipo de entendimento histórico é que, mesmo estando apto e qualificado para “desvendar” o dito discurso oculto dos retirantes da seca, os historiadores ainda continuam a ver, estudar e a explicar o Nordeste apenas de uma forma: como uma grande lavoura, uma economia agrária, desprovido de comércio, manufaturas, fábricas, indústrias. Isso se dá sem relações políticas, econômicas e culturais com cidades médias e grandes, com trocas e influências na forma de viver, consumir, trabalhar, ao longo dos séculos XIX ao XXI.

A falta de uma análise mais ampla, que leve em consideração contextos diversos, multiplicidades de sujeitos e suas respectivas ações no Nordeste brasileiro, cria um hiperfoco em grupos pré-determinados, como os pequenos proprietários e retirantes, desprezando diversas outras ações que tentaram enfrentar, mitigar e mudar a realidade antes, durante e depois das secas. São ações feitas por grupos médios e até das classes altas efetivadas em centros urbanos médios e grandes.

Talvez, uma tentativa de suavizar esse quadro de caos e destruição, historicamente associados ao Nordeste, é o que atualmente chamamos de política de convivência como semiárido, que envolve a relação da seca com o meio ambiente e a agricultura familiar. Tópicos esses já presente em diversos estudos e pesquisas desde os anos 1990, como bem demonstra o levantamento feito dos temas publicados na *Revista Raízes*⁷ (Miranda; Gomes; Meneses; 2022). Mas não consegue criar ou

⁶ Ver: FGV. Nordeste cresce acima da média nacional e se destaca no cenário econômico. 2025. In <https://portal.fgv.br/noticias/nordeste-cresce-acima-da-media-nacional-e-se-destaca-no-cenario-economico>. Acesso em 05/04/2025.

⁷ Um importante periódico na área de Ciências Sociais e aglutinador de pesquisas, estudos e debates sobre o Nordeste e do semiárido brasileiro.

refazer uma outra imagem da região para além do caos e destruição da seca e não possibilita uma compreensão da região como uma área em pleno crescimento econômico, político, social, cultural.

CONCLUSÃO

Transcorrido quase um século e meio da dita grande seca, fica nítido que “Ao escrever [seus] versos, Junqueiro estava realmente imbuído do espírito cientificista, e sua convicção acerca da evidente influência, ou mais do que isso, do domínio, da ciência na vida e no pensamento do homem de seu tempo (...)” (Wankler, 2017, p.109). Muitos pesquisadores, ao acessarem esse registro, no passado e no presente, logo o entendem como um “espelho da realidade” por apresentar os dados da percepção direta incontestável. Dessa maneira, não demorou para que essa compreensão limitadora fosse rapidamente estabelecida e estabilizada como “verdadeira”.

No entanto, esse mesmo registro poético também deve ser entendido como o indicativo de uma mudança “estrutural” que teve início no final da década de 1870, quando começou a ocorrer a mudança do significado e do entendimento, que até então se tinha da palavra seca. Pois, tal palavra, seca, inicialmente estava restrita ou contida na ideia de irregularidade climática, isto é, um fenômeno natural específico em que poderia chover pouco em um determinado lugar em um determinado momento, mas essa situação logo passaria e voltaria rapidamente ao dito normal. Entretanto, após a seca de 1877-1879, esta deixou de ser uma irregularidade climática passageira e passou a ter a acepção de problema social permanente, com a imagem e representação de flagelados famintos fugindo dos mais longínquos rincões em busca de água e alimentos para sobreviver a essa situação sendo atribuída como exclusividade das províncias do Norte, hoje estados, do Nordeste brasileiro (Albuquerque Jr, 1999; Vasconcelos, 2024).

Essa forma de ver e entender a natureza, exclusivamente pela percepção direta da “fenomenologia” da seca, pela ausência e/ou carência total de água (argumento ou justificativa hidrológica), desconsidera as ações antrópicas que criaram e potencializam essa situação, resultando na grande transformação que esse espaço social sofreu na segunda metade do século XIX e persistindo até os dias atuais. Restringindo, dessa maneira, significativamente o seu “espaço de experiência e horizonte de expectativa” (Koselleck, 2006, p. 305).

Comentando sobre as características da natureza em uma perspectiva mais ampla mediada pelo pensamento de intelectuais europeus, Aleida Assmann (2006, p.160), nos afirma que “Ao longo do século XVIII, o conceito de natureza sofreu diversas alterações. No final do século, foi adotado por Schiller, que também o utilizou como substituto da tradição”. Ainda segundo Assmann (2006, p.160), “Numa carta [...] Schiller descreve a natureza como algo totalmente passivo e receptivo, opondo-a implicitamente às forças revolucionárias”. E continua a mesma autora, “A natureza não

pode agir por si só, mas depende do homem, que nela se projeta. Não pode fazer “nada por si mesmo, mas recebe tudo da alma humana. Somente através daquilo que investimos nela é que a natureza nos encanta e nos encanta.” E, conclui a pesquisadora alemã, “Existe uma clara separação de papéis: o homem dá, a natureza tira e preserva. E a Natureza não só tira, como também retribui” (Assmann, 2006, p.160).

Ao associar a seca à ausência de água e, conseqüentemente, à falta de alimentos, foi estabelecido um nexos causal único, e o poeta português declamou em versos uma longa tradição que formou e conformou o nosso entendimento sobre a natureza, as imagens e representações do Ceará e o atual Nordeste brasileiro que, com nuances, chegam até nós atualmente e são tidas como a única forma de entendimento e explicação desse espaço. (Albuquerque Jr., 1999; Vasconcelos, 2024). Essa “tradição” está calcada em uma única forma de entendimento da natureza,⁸ com ênfase absoluta na seca como uma situação “natural” maldosa que oprime o homem, deixando-o sem opção e eximindo de qualquer responsabilidade do poder público, das condições econômicas e a sociedade em geral por tal situação. Nessa lógica, cabe aos “homens” apenas dirimir momentaneamente o sofrimento dos que padecem em decorrência dos efeitos nefastos da natureza, mediante a prática da caridade e da compaixão.

Esse monismo, centrado na seca, é uma forma depreciativa de entender e explicar a realidade cearense e do então norte do Brasil (atual Nordeste), que logo foi aceita como verdadeira, dada a sua verossimilhança, e ganhou muita popularidade como notícia jornalísticas, posteriormente como enredo de livros e daí para a música, o cinema e a televisão. Sempre com o mesmo argumento: as mazelas e o flagelo das secas. Esses homens e mulheres desse espaço social não sonharam uma outra realidade? Não buscaram ou efetivaram outras experiências sociais?

Diante dos elementos expostos, seria possível pensarmos outra História e/ou a multiplicidade histórica (Gattinara, 2018) para a História do Ceará e da região que esse estado faz parte? Na impossibilidade atual de pensarmos e pesquisarmos a multiplicidade histórica para esse espaço social, seria esse “O Perigo de uma História Única” que Chimamanda Adichie (2019) salienta tão bem ao referir-se a uma outra realidade, bastante distinta da que apresentamos aqui, mas que dadas as devidas especificidades, nos ajuda a problematizar essa conceitualização (*Begriffsbildung*) historicamente atribuída ao Ceará e à atual região Nordeste do Brasil como sinônimo, quase que exclusivo, de fome, pobreza, carência, morte e ignorância tanto em obras do senso comum como em pesquisas acadêmicas.⁹

⁸ Um bom exemplo de como a natureza possui várias acepções e/ou fruições, está bem demonstrado para a realidade histórica europeia em Teich; Mikulás; Porter (1997).

⁹ Um exemplo dessa “tradição de pesquisas acadêmicas” pode ser visto em Villa (2000) e Internacionalmente em Buckley (2017).

Seguramente, para respondermos à problematização acima apresentada, faz-se necessário lembramos Heinrich Rickert *apud* Sérgio da Mata, (2006, p.352), que em suas reflexões sustentou que: “Caso pudéssemos calcular antecipadamente o futuro em sua individualidade, e, portanto, soubéssemos exatamente tudo o que haverá de vir, então toda volição e todo agir perderia imediatamente seu sentido”. E, de forma incontestada, o pensador alemão conclui o seu argumento: “Por conseguinte, temos razão para nos alegrar que não haja leis históricas”.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras Artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ASSMANN, Aleida. Flights from History: Reinventing Tradition between the 18th and 20th Centuries. In: RÜSEN, Jörn (Editor). *Meaning and Representation in History*. New York: Berghahn Books, 2006 (Making sense of history; v. 7)

BRAGANÇA, Aníbal. O editor de livros e a promoção da cultura lusófona. A trajetória de Francisco Alves (1848-1917) In: Martins, Moises de Lemos (Coord.). *Lusofonia e Interculturalidade: promessa e travessia*. Braga/Minho. Edições Húmus/Universidade do Minho, 2015.

BUCKLEY, Eve E. *Technocrats and the Politics of Drought and Development in Twentieth-Century Brazil*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2017. [Tecnocratas e a política de seca e desenvolvimento no Brasil do século XX. Tradução: Cynthia Costa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021]

FGV. *Nordeste cresce acima da média nacional e se destaca no cenário econômico*. 2025. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/nordeste-cresce-acima-da-media-nacional-e-se-destaca-no-cenario-economico>. Acesso em 10/04/2025.

GATTINARA, Enrico Castelli. A multiplicidade temporal: um problema no qual ciência, história e filosofia se encontram. In: SALOMON, Marlon. *Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2018.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A Poesia como Pintura: A Ekphrasis em Álvaro Martins*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015

GUINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JULIÃO, José Nicolao. Por que a poesia é superior à história??? (Um breve ensaio sobre a Poética 9) In: *Enunciação* [Revista de Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRRJ], v. 3, n. 2. pp. 45-57, 2018. Disponível em <https://www.editorappgfilufrrj.org/enunciacao/index.php/revista/article/view/59>. Acesso em 12/11/2024.

JUNQUEIRO, Guerra Abílio Manoel. *Fome no Ceará*. Lisboa: Empresa Horas Românticas [David Corazzi - Editor], 1877.

KONDER, Leandro. *A poesia de Brecht e a história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução do original Wilma Patrícia Maas & Carlos Almeida Pereira; Revisão da tradução César Benjamin. - Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilio. *O conceito de História*. Tradução de René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção História e Historiografia 10)

MATA, Sérgio Ricardo da. Heinrich Rickert e a fundamentação (axio)lógica do conhecimento histórico. In: *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n.º 36: p.347-367, Jul/Dez 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/vh/a/dgw4JvZyQchKZtLzjzB8VqC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 08/10/2024.

MIRANDA, Roberto de Sousa; GOMES, Ramonildes Alves; MENESES, Valdênio. Freitas. Mudança social e estudos rurais: reflexões sobre os desenvolvimentos e as disputas no campo. *Raízes: Revista De Ciências Sociais e Econômicas*, v. 42, n. Especial, 424–442. 2002.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As Raízes Clássicas da Historiografia Clássica*. Tradução de Beatriz Borba Florezano. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

NEVES, Frederico de Castro. O discurso oculto dos retirantes das secas. *Raízes: Revista De Ciências Sociais e Econômicas*, v. 33 n.2, 67–81. (2014).

PINNEY, Christopher. Europe's Other Writing: "Ominous Hieroglyphics's and belated Ekphrasis in the 19th Century. In: FERRARA, Silvia; CARTOLANO, Mattia and OTTAVIANO, Ludovica (Eds). *Talking Images: The Interface between Drawing and Writing*. New York, NY: Routledge, 2025. (Routledge research in language and communication)

SINKEVISQUE, Eduardo. Usos da écfrase no gênero histórico seiscentista. In: *História da Historiografia*, Ouro Preto-MG, v. 6, n. 12, pp. 45–62, 2013. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/607>. Acesso em 09/11/2024.

SOARES, Ana Lorym. *O livro como missão: a publicação de textos psicografados no Brasil dos anos 1940 a 1960*. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

SOUSA, Gabriela Regina dos Santos; SANTOS, Dayse Rodrigues dos. Uma análise do poema "Fome no Ceará", de Guerra Junqueiro. In: *Crátilo: Revista Discente de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 16, pp.76-81, 2023. Disponível em <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/article/view/3055>. Acesso em 15/08/2024.

SOUZA, Jovelina Maria Ramos de. *A dimensão ético-política da crítica platônica à mimesis na Politéia*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 2003.

TALARICO, Fernando Braga Franco. *História e Poesia em Drummond: A rosa do povo*. São Paulo: Edusc-Fapesp, 2011.

TEICH, Mikulás; PORTER, Roy; GUSTAFSSON, Bo (Eds.). *Nature and Society in Historical Context*. Cambridge. Cambridge University Press. 1997.

TENORIO-TRILLO, Mauricio. *Clio's laws: on history and language*. translated [from Spanish] by Mary Ellen Fieweger. Austin: University of Texas Press, 2019. (Joe R. and Teresa Lozano Long series in Latin American and Latino art and culture)

VASCONCELOS. Eduardo Henrique Barbosa de. *A Ciência Peculiar de Joaquim Antonio Alves Ribeiro*: Ceará – Harvard – Ceará. Teresina - PI: Editora Cancioneiro, 2024.

VILLA, Marco Antônio. *Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000.

VLASSOPOULOS, Kostas. Acquirin(a) historicity: Greek history, temporalities, and Eurocentrism in the Saattelzeit (1875-1850). In: LIANERI, Alexandra. *The western time of ancient history: historiographical encounters with the Greek and Roman pasts*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2011.

WANKLER, Cátia Monteiro. A Poesia Portuguesa do Século XIX de Garrett a Cesário Verde. In: *ContraCorrente*: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, [S.l.], n. 5, p. 95-115, maio 2017. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/530/519>.